

Ideias de Botequim: Macaquinhos amarelos nas ruas do Brasil

Detalhes Publicado em Quarta, 29 Abril 2015 11:20



Curtir Compartilhar 0 Tweet 0 g+1 0 Share



Macaquinhos amarelos nas ruas do Brasil

Por **Ciro Marcondes Filho**

"A estratégia dos grandes meios de comunicação não é estranha. Já havia acontecido em 1964. O que estranha é a inesperada adesão popular à ação antidemocrática desses grandes jornais, redes de TV e veículos informativos em geral, em defesa da 'camisa amarela'"

Está havendo uma reviravolta das ciências políticas da comunicação. A voz corrente, até há bem pouco, era a de que as redes sociais haviam desbancado os grandes meios, anunciando uma derrocada final de um império que vem desde o século 19: os donos de jornais e revistas, redes de rádio e televisão, conglomerados comunicacionais de massa estariam com os dias contados. Havia até motivo para grandes comemorações. As redes sociais, instrumento genuinamente popular e democrático, instauravam uma nova democracia, aberta a todos indistintamente, para produzir notícias, fazer veicular o que é silenciado para dar – enfim – a voz ao povo.

Comemorações precipitadas, pois os grandes meios deram a volta por cima. Isso ficou claro na campanha da revista Veja contra a voz do eleitorado brasileiro, no empenho da Rede Globo em levar pessoas às ruas no 15 de março pelo impeachment, na voz orquestrada e uníssona dos jornais em campanha aberta contra aquela que foi eleita pela soberania das urnas.

Os "Mídia"

A estratégia dos grandes meios de comunicação não é estranha. Já havia acontecido em 1964. O que estranha é a inesperada adesão popular à ação antidemocrática desses grandes jornais, redes de TV e

veículos informativos em geral, em defesa da “camisa amarela”. Até novos “caras-pintadas” apareceram, como se a deposição de Collor de Mello, o grande blefe da política brasileira, tivesse a ver com a atuação da presidente Dilma.

Todo esse movimento torna necessária uma revisão das teorias da comunicação, especialmente as que mencionavam a tal da “agulha hipodérmica”, que os grandes meios injetavam nas populações, fazendo-as aderir cegamente e em massa a políticas radicais e totalitárias. Essa teoria é de 1927 e foi proposta por Harold Lasswell. O bombardeio de boatos, factoides, inverdades que circulavam na área, especialmente nos estados pré-totalitários, assustava a opinião pública mundial, temerosa da fragilidade das convicções políticas das classes populares da época.

Junto a isso veio a teoria da “indústria cultural”, em que se dizia que um imenso poder vindo dos grandes meios impunha-se violentamente às massas, fazendo-as não apenas aderir aos fascismos mas também às compras irracionais, aos valores consumistas e à ideologia de mercado implícita nas mensagens.

Tudo isso foi relativizado com o tempo. Passou-se a dizer que havia um exagero nessas teorias, que a opinião pública não era assim tão volúvel. Os estudos culturais começaram a valorizar a leitura crítica das mensagens, a contracultura falava na inversão dos conteúdos, que, enfim, a população não era trouxa, não comprava gato por lebre, não se deixava levar.

Classe média

Mas o caso brasileiro acabou demonstrando que não é bem assim, que há situações em que isso não vale. Que há, de fato, um índice de aceitação cega às notícias, especialmente quando jogadas à massa de forma uníssona e orquestrada. A grande classe média “compra” essas versões com muita facilidade. Especialmente, se não há espaço para vozes contrárias. Os alemães chamavam a isso de Gleichschaltung: sintonia plena e absoluta de todos os meios àquilo que era veiculado e que se impunha como verdadeiro. Volta a funcionar a tal da Espiral do Silêncio, de Elisabeth Noelle-Neuman, segundo a qual as pessoas de opinião contrária tendem a silenciar quando há uma voz majoritária cobrindo a todos.

É uma situação muito particular e perigosa. O que aconteceu no Brasil não é diferente do que houve em outras épocas, em regimes totalitários. A sincronização de todos os meios fechando o universo possível de reações faz com que as vozes contrárias se reprimam e expandam as vozes favoráveis, exatamente pelo efeito de pressão e chantagem sobre elas. Dizia Josef Goebbels: “O objetivo da imprensa não é informar, transmitir fatos claros e objetivos, senão incitar, estimular, mover. Para nós, a imprensa é propaganda com meios jornalísticos. Para nós, a imprensa tem a tarefa de ganhar as amplas massas populares para o nacional-socialismo”, do livro *A luta e seus meios*, 1934. Essa é a nossa imprensa atual.

A isso se soma o hábito da população assistir a um “Jornal Nacional” como se fosse a pregação dominical, de forma automática e religiosa. As denúncias contra a manipulação da Globo, da revista *Veja*, dos jornais impressos não são ouvidas. A população torna-se “disnóstica”: não ouve, não quer ouvir, simplesmente ignora. Sequer ouve que não ouve.

Redes sociais

Outra variável desse quadro é a inesperada adesão das redes sociais à estratégia da mentira, do factóide e da desinformação, somando ao índice de inverdades circulantes. O que era um espaço de oposição aos grandes meios tornou-se, possivelmente por força dessa mesma ação orquestrada, um braço avançado, a quinta coluna do golpismo no Brasil. O que prova que mesmo essas redes, onde teoricamente

"Outra variável desse quadro é a inesperada adesão das redes sociais à estratégia da mentira, do factóide e da desinformação, somando ao índice de inverdades circulantes. O que era um espaço de oposição aos grandes meios tornou-

deveriam circular contra-informações, tornam-se hoje, diante de um massacre sistemático de versões tendenciosas, elas próprias caixas de repercussão dos grandes meios.

O movimento de rua de 15 de março mostrou que quem manda no Brasil é a TV Globo. Foi uma demonstração de força e de capacidade de mobilização. Foi também uma prova clara de que as pessoas são sim manipuláveis e se deixam levar quando a corrente se fecha e não sobra espaço para as vozes contrárias. Que entra em funcionamento o esquema do não ouço, não vejo, não falo dos macaquinhos brasileiros vestidos de amarelo.

**se, possivelmente por
força dessa mesma ação
orquestrada, um braço
avançado, a quinta
coluna do golpismo no
Brasil"**

♦ **Ciro Marcondes Filho é jornalista e professor titular da ECA-US**

Curtir

Compartilhar

0

Tweet

0

g+1

0

Share